

O Currículo de Matemática e o Tempo

A reorganização curricular do ensino básico de 2001, que agora faz 10 anos, alterou a organização dos tempos lectivos dedicados à disciplina de Matemática, de 4 períodos semanais de 50 minutos, passou-se para 4 tempos lectivos de 45 minutos, mas com a possibilidade (desejável) de se organizarem em dois blocos de 90 minutos ou um bloco de 90 e dois de 45. Receou-se que se tivessem «perdido» 20 minutos do já «escasso tempo» para a Matemática, mas os blocos de 90 abriam a perspectiva de melhor gestão do tempo. Pretender-se-ia também que esses preciosos minutos fossem recuperados ou até ultrapassados de diversas formas. Uma delas derivava da própria concepção de desenvolvimento curricular assente na definição de competências por ciclo, e por cada área disciplinar ou disciplina, que no caso específico da competência matemática, se desenvolveria também «na combinação adequada do trabalho em Matemática com o trabalho noutras áreas do currículo». O tempo da área de projecto foi, sem dúvida, onde muitas escolas pensaram que esse trabalho podia ser feito e daí os professores de Matemática estarem muito envolvidos nessa área curricular não disciplinar.

Se por um lado se alterou a gestão dos tempos curriculares de cada área, por outro, as experiências de aprendizagem propostas no Currículo Nacional, como a diversificação da natureza das tarefas e o reforço da integração das tecnologias, tornaram mais exigente o trabalho do professor. Que equilíbrio estabelecer entre elas? Como apostar em tarefas que «vivem» da actividade desenvolvida pelos alunos? E gerir a discussão à volta dessa actividade? ... É nestes aspectos, entre outros, que incide a reflexão dos docentes do 3.º ciclo acerca dos resultados dos seus alunos no exame nacional realizado em 2005, ao considerar entre as explicações para os resultados, «a extensão demasiada do programa e/ou insuficiente carga horária; a dispersão curricular existente» (relatório do Ministério da Educação), para diversificarem o trabalho na sala de aula.

As escolas procuraram organizar-se para responder a estes problemas, em articulação com medidas de iniciativa ministerial (Programa de Formação Contínua em Matemática; Plano da Matemática; ...) e reorganizando os tempos curriculares não disciplinares, daí que as aulas de Estudo Acompanhado passassem, em muitas instituições, a aulas de Matemática. Mas é assim que queremos resolver o problema? Serão estas medidas suficientes?

Neste mesmo ano, tive oportunidade de participar num colóquio internacional, que se realizou em França, «Enseigner les mathématiques en France, en Europe et ailleurs», onde houve oportunidade de comparar os tempos curriculares da matemática (a nível do nosso 1.º e 2.º ciclos) relativamente ao tempo total dos alunos em actividades de ensino: Alemanha, 21%; República Checa, 23%; França entre 19 e 21 %; ... e a mim coube-me apresentar os nossos números, na altura apenas do 2.º ciclo (no 1.º ciclo não estavam definidos): cerca de 12%. Estas percentagens diminuía a partir deste ciclo, mas na generalidade era definido um número mínimo de horas, visto que as escolas têm um crédito de horas para atribuir, que se situava acima de 14%.

Mas pensarão alguns que eu não estou a trazer nada de novo, com esta reflexão. Talvez não, mas continua a ser necessária, quando estes argumentos já se começam a ouvir de novo, em relação ao recente Programa de Matemática do Ensino Básico.

Basta ler, por exemplo, alguns editoriais do *APM Informação* (Março de 2006: 3.º ciclo, um contributo para o debate; Setembro de 2007: o reajustamento do PMEB em debate; Fevereiro de 2010: quanto dura uma hora?), ler vários artigos da EM, como sejam os da revista temática sobre «Conexões», em que, num deles, Adelina Precatado refere que «é também indispensável algum tempo, o tempo para trabalhar em sala de aula, o tempo para o professor poder ajudar os alunos com as tais «dicas» e desafios em vez de responder à velha pergunta «stora o que é que é para fazer?»

Logo temos mesmo de enfrentar esta questão do Tempo, sem esquecer que as dificuldades na gestão do Currículo não são apenas uma questão de tempo, mas também ...

Isabel Rocha
ESEC5/Instituto Politécnico de Leiria